

um ente humano, podendo até a desenvolver o que os especialistas chamam de luto patológico, em que esse estágio de dor perdura por muito tempo. Em alguns casos, Paulo avalia que o tutor pode passar por um processo depressivo.

Esse evento é tão traumático, que muitos tutores tendem a ter dificuldades de estabelecer um novo vínculo afetivo com outro pet, por exemplo. Antes, era mais comum que o indivíduo se sentisse culpado ou inadequado com a própria tristeza. Mas essa perspectiva tem mudado, na análise do psicólogo. “Essa relação se tornou mais aceita e caiu na normalidade, reduzindo essa sensação. Mas ainda pode acontecer, e é normal, pois, dependendo do meio social, esse apego ao animal pode não ser bem aceito”, acrescenta.

Novo começo

Entretanto, há quem consiga trazer para o lar outro bichinho. Ainda mais quando, dentro de si, o vazio é tão grande pela perda que é necessário preenchê-lo de alguma forma. Pedro Henrique Brito Pereira, 26, bacharel em sistemas de informação, lidou com o luto da cachorrinha Mya, que faleceu há um ano e cinco meses. Apesar de ser cardiopata, brincava e vivia normalmente, além de

ser bem ativa. Porém, com o passar do tempo e da longevidade, a pet sofreu com muitos problemas.

“A respiração dela estava mais pesada. Com isso, levamos ao veterinário e foram feitos exames de sangue que deram algumas alterações, que constatou haver líquido nos pulmões dela. Nesse meio tempo, a respiração dela foi piorando cada vez mais. Levamos para um cardiologista o mais rápido possível. Marcamos para o dia seguinte, pedindo urgência. Porém, no final da noite, ela sufocou e na hora em que estava saindo para levá-la para uma veterinária 24 horas, acabou falecendo”, recorda Pedro.

A família, muito apegada, sofreu bastante com a morte da cachorra, que representava uma alegria imensa e intensa para quem a conhecia. A avó do jovem, dona Ilda de Souza, 76, foi uma dessas pessoas que passou por um estágio difícil de luto. A psicóloga dela, inclusive, pediu a Pedro que adotasse um outro pet, para que a idosa não entrasse em depressão. Sendo assim, a vira-lata caramelo de nome Estelle chegou para cativar a todos com boas doses de loucuras diárias, brincadeiras e latidos. “Hoje, tornou-se o xodó da casa, ajudando na saúde mental de todos nós e tirando a tristeza que tínhamos após a perda da nossa outra cachorrinha”, finaliza Pedro.

PET TAMBÉM SOFRE!

A médica veterinária Iamylle Carmo afirma que a maioria dos pets tem seu “humano preferido”, que são os escolhidos por eles. Uma separação brusca, como a morte, pode causar sintomas de depressão muito semelhantes ao das pessoas. Apatia, falta de apetite, mais tempo dormindo são alguns sintomas. “Alguns animais podem apresentar sinais clínicos mais graves, a exemplo de febre e alteração de comportamento, como agressividade. Em gatos, podemos ver cistites intersticial e lipidose hepática pela anorexia”, esclarece.

Para solucionar essa fase, é importante que o animal receba muito carinho e atenção dobrada de outra pessoa. Separar um tempo de qualidade, preencher os espaços com outras atividades ou até adotar outro pet para que a solidão seja sanada podem ser alternativas para aliviar o luto. “O tempo de luto é muito relativo para os animais, assim como para os humanos, podendo levar semanas ou até mesmo meses. A forma como o animal reage e como é tratado nesse período pode alterar bastante esse tempo.”

A SUA PAPADA TE INCOMODA?

Aqui na **Monte Parnaso** temos o tratamento ideal para você!

Protocolos com tecnologias de ponta e sem **necessidade de cirurgia.**

- Fotona 5D
- Ultraformer MPT
- Morpheus

Saiba mais entrando em contato!

 MONTE PARNASO